Acervo ISA

KSR00001

DENÚNCIA

# OS ÚLTIMOS KAXARARÍ

*Dispersos pelo extremo-oriente do Território de Rondônia, entre o rio Ituxi(AM) e o Igarapé Azul, os* **Kaxararí** *estão morrendo. Já chegaram a ser considerados um sub-grupo* **Apurinã,** *seus antigos "patrões" que os maltratavam. Porém, fugindo da bacia do Purus para o sul, encontraram novos exploradores: os "civilizados".*

Esquecidos no tempo, isolados, doentes e com as suas terras cobiçadas, os **Kaxararí** ainda acreditam ingênuamente nas promessas da Funai. Tanto é que ajudaram o órgão, abrindo uma pista de pouso e construindo duas casas que seriam destinadas à chefia de um posto indígena e uma enfermaria. Foram enganados: não receberam pela mão-de-obra empregada, não viram nenhum avião e tampouco algum carregamento de vacinas ou mercadorias chegando ali.

Velhos caçadores e exímios pescadores, esses índios tinham o costume de plantar milho e macaxeira. As roças foram se reduzindo, levando-os a se adaptar ao costume da região, de cortar seringa e quebrar castanha, atualmente sua principal ocupação. Qual o destino de um povo, cujas terras até agora não foram siquer demarcadas?

Um mapa fornecido ao grupo pela Funai, em 1978, estabelece como divisas de seu território, o Igarapé Macurenem – afluente do rio Ituxi, no Amazonas – e as margens do Igarapé Azul, em Rondônia, numa extensão superior a 180 quilômetros, em linha reta.

### VIVIAM MELHOR

Em 1935, numa emboscada em Curuquetê, no município de Labrea, os **Kaxararí** mataram o "coronel de barranco" Valdivino, depois de se revoltarem com a exploração feita pelo seringalista na área conhecida por Guanabara. Teriam condições de reagir hoje, ante as ameaças que pairam sobre sua reserva?

Segundo os moradores do Km 108 da BR-364, trecho entre Abunã e Extrema (rumo ao Acre), havia dois grandes seringais no rio Abunã – o do km 97, conhecido por Mucambo, e o do km 113, denominado Extrema, ambos pertencentes a Otávio Reis, de Manaus. Este, antes da 1ª Guerra Mundial os tinha comprado do governo amazonense, num leilão. Foi o finado Otávio quem organizou os barracões, as colocações e até as pinguelas sobre os igarapés e o rio Vermelho, as quais continuam resistindo. Com a sua morte, a posse das terras ficou com os filhos Djalma e Chico. Djalma vendeu parte das terras a uns gaúchos que tentaram introduzir o gado ali, apoiados pela polícia do Acre. Em novembro de 1976, eles tentaram inclusive expulsar os posseiros, desistindo da idéia por encontrarem forte resistência.

Ainda, de acordo com os antigos moradores, Chico Reis, filho ilegítimo de Otávio Reis recebeu de seu irmão Djalma os seringais entre os rios Azul e Vermelho. E passou a disputar também as colocações de seringueiros, transpondo o barracão do km 80 até a beira do Vermelho, na localidade de Passagem. A partir daí, surgiu a grande cobiça pela chamada (pelos seringalistas da área) **Terra dos caboclos,** nada mais do que o território indígena que a Funai deixou de demarcar.

Quem atesta o interesse de fazendeiros da região pela área Kaxararí é o seringalista Raimundo dos Santos Pereira, 65 anos, conhecido dos índios desde 1940 quando chegou ao Seringal Nova Vida, que herdou do pai. "Compadre Raimundo", como é conhecido, compra alguma produção de borracha dos índios e lhes fornece mercadorias. Seu depoimento:

– A terra deles é imprestável para a agricultura, mas é muito boa para a pastagem. Se não demarcarem isso aí, logo vai ter gente entrando nas malocas. Eu cheguei aqui com 24 anos de idade. Meu pai saiu lá do Remansinho (afluente do Ituxi, no Amazonas) e também conheceu os **caboclos** do Azul, todos eles. Se eu for comparar a situação dos **Kaxararí** do ano de 40 com a de hoje, posso dizer com certeza que eles viviam muito melhor. Sem doenças e sem passar fome como agora.

### O FLAGELO DA DOENÇA

"Essa terra não tem ouro, só que muito garimpeiro já andou pelo mato aí, prá ver se cavava alguma coisa. O que nós temos como riqueza não é ouro não. É o caucho, alguma castanha, a seringa e um pouco de madeira" – conta Luiz Costa Pinheiro, um dos líderes. Para ele, a demarcação da área indígena "é uma grande mentira", pois todos aí ouvem promessas nesse sentido desde 1974.

Desnutridos – comem um minguado arroz com feijão, farinha e carne seca, quando há – e apáticos, eles ainda sorriem para os visitantes, aguardando a vinda de gêneros alimentícios prometidos pela Ajudância da Funai em Rio Branco – AC. O choro contínuo da criança corta o silêncio da madrugada de um dos últimos dias de outubro. Não é dor, é fome, conclui-se, depois que a mãe lhe dá uma caneca de leite em pó oferecida por um visitante. Só assim o choro cessa e todos podem dormir sossegados nesses confins do Território.

A notícia de que um barco carregado de mantimentos (sal, açúcar, café, gordura, biscoitos, carne seca e farinha, principalmente) chegaria no Igarapé do Sapo, procedente de Rio Branco, levou alguns índios a percorrer a área a pé todos os dias. Pelo menos até o início de novembro, o "presente" da

Na aldeia Azul há muitas crianças.

Funai não havia aparecido na aldeia. A última mercadoria que apareceu por ali chegou estragada, no ano passado.

Jorge Costa Pinheiro, 22 anos, filho de Luiz Pinheiro, recorda-se com indignação que ele e os companheiros chegaram a abrir um varadouro para receber o "rancho" da Funai: "Eles falaram **prá** nós que só tinha direito à comida quem trabalhasse. Nós perguntamos: e as nossas mulheres e nossos filhos?... eu acho até bom que eles não mandem mais nada agora, porque nós acostumamos a se virar e não precisamos desse tipo de favor".

Foi preocupado com essa situação que o tuxaua Antonio "Caibu" deixou a aldeia na segunda quinzena de outubro, indo até a BR-364, onde alguns "bolicheiros" lhe garantem o "rancho". Nas malocas, os **Kaxararí** continuavam flagelados por várias espécies de doenças, sem qualquer recurso para melhrar. Alguns estão morrendo por completa falta de assistência.

Recentemente o sarampo matou uma mulher, um homem e uma criança, alastrando-se fortemente. A maioria conseguiu escapar, embora tenha contraído o mal anteriormente. A catapora também começa a fazer suas vítimas, levando principalmente as crianças ao leito. Por sua vez, a tuberculose rondou a área, provocando o internamento de Otávio e Camilo, de 29 e 22 anos, num hospital de Rio Branco. De resto, a aparência pálida denota o alto índice de verminose e outras doenças.

Em 1975, oito índios morreram de uma só vez durante um surto de sarampo e tuberculose, entre os quais os velhos líderes Manoel "Capeú" e sua mulher Maria "Cuiqué"; sua irmã Sebastiana, e a velha Maria, de 75 anos, mãe de Luiz Pinheiro. Naquela época, os mortos eram sepultados no cemitério da Barrinha, mas atualmente os enterros são feitos próximos às malocas.

### E O POSTO NÃO SAI

Um dia apareceu entre os índios, um funcionário da Funai conhecido por Iberê. Dizem que ele assumiria o futuro posto. Alguns elogiam sua curta atuação na área: "O Iberê foi bom prá nós. Pagava comida e arrumava passagem de ônibus pros doentes ir pra Rio Branco", comenta um deles. Outro condena-o pelo fato de ter ido embora sem pagar o trabalho dos **Kaxararí** na construção de duas casas de madeira próximas ao Igarapé Azul. Essas casas não custariam mais que 50 mil cruzeiros, entretanto foram **gastos** cerca de 200 mil cruzeiros na obra. Iberê não só teria desviado esses recursos, como outros destinados à abertura de um varadouro que nem foi iniciado.

E as irregularidades não ficam só nisso: no ano passado um elemento contratado pela Ajudância da Funai responsabilizou-se pelo transporte de uma carga de tábuas até a aldeia. Recebeu a metade do pagamento adiantado, pilotou a canoa e abandonou a carga. A madeira serviria para a construção do posto médico e da casa do chefe do futuro PI. "Eles ainda ficaram brabos com a gente, exigindo que nós fosse buscar a madeira na boca do Marmelo. Só se fosse nas costas, né? – porque nem batelão eles arrumaram. E a viagem de lá prá cá demora dois dias" – denunciou um índio.

Das 60 dúzias de tábuas compradas pela Funai numa serraria da BR-364, apareceram somente 40 na maloca. O fretista cuidou de desviar, ainda, umas 30 folhas de zinco destinadas à cobertura das casas, e ainda ficou na região.

Sobre a pista de pouso, Luiz Pinheiro disse que "quem roçou o mato ficou sem receber um tostão pelo serviço": "Parece que eles querem começar tudo de novo, só que eu não vou ajudar na derrubada. **Acaba** eu vou é vender a borracha e comprar chumbo **pra** matar macaco. Dá mais certo".

## "Um padre? Aqui nunca andou um padre".

Eis o relato histórico do Pe. Cassemiro Beksta sobre os primeiros passos para o seu contato com os **Kaxararí** :

"No dia nove de setembro de 1976, encontrei-me pela primeira vez no km 76 da BR-364 com duas famílias, tentando estabelecer diálogo. O índio Paulino recebeu-me cortesmente, mas os demais estavam assustados. Consegui gravar algumas expressões. Estava presente Manuel Pereira, casado com uma **Kaxararí** , que prometeu transmitir ao Antonio "Caibu" (tuxaua) a mensagem do Pe. Pedro (Pe. Pedro Gawlick, exvigário de Abunã, atualmente em São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro – AM), pedindo um rapaz disposto para ir até Abunã para uma primeira aprendizagem.

"Foi estabelecido que nos encontraríamos no km 80 ou até o 88, no dia 23 de setembro, mas precisei ser internado no hospital de Guajará Mirim. Mais de 100 pessoas, de vários seringais, esperaram por três dias, em vão, o planejado encontro. "Caibu" tinha mandado um de seus filhos para atender o pedido do padre Pedro. Voltaram todos, "enganados pelo padre Cassemiro, mentiroso". No dia 13, porém, viajei até o km 88 e encontrando-me com o Manoel Pereira, fomos pelas picadas até o Igarapé Azul, tendo como guia o filho do Manuel, o Ubaldo, um rapaz de 19 anos. Encontramos dois velhos do Azul, acompanhados de dois meninos. Um deles adoeceu, e os velhos não resolveram ir conosco. Partimos pela picada, Ubaldo como guia, armado com espingarda e três cartuchos.

"Quando encontramos um caminho de burro (varadouro), a caminhada foi relativamente melhor. No seringal, além do rio Vermelho, os moradores ficaram estarrecidos: Um padre?! Aqui nunca andou um padre". Indo, voltando, errando o caminho, finalmente chegamos até a colocação do sr. Pereira, que faz vinte anos vive sozinho ali. Aí era o fim da picada. Nem ele sabia indicar a direção a seguir, nem Ubaldo. Ubaldo tinha andado para a maloca quando menino. Com os pés machucados pelas botinas de borracha, fomos obrigados a pernoitar e voltar para casa. Por sugestão de Manuel Pereira, Ubaldo aceitou descer para Abunã, "para ficar com o padre".

### PLANOS DESFEITOS

Ainda é Pe. Cassemiro quem relata: "Em 18 de dezembro chegou de Porto Velho um filho de "Caibu", procurando em Abunã condução para sua moradia, no km 106 da BR-364. Era o Américo, o qual revelou saber de um outro caminho de burro a partir do km 106. Até a maloca havia muitas pinguelas para passarmos os igarapés e o rio Vermelho. Na passagem, à altura do km 86, padre Pedro Gawlick sugeria como local ideal para fundar uma colônia agrícola dos **Kaxararí** , na margem direita do rio, em terras do fazendeiro Djalma Reis. Lá não é mais seringal. A terra parecia boa para plantações. Tendo um aglomerado mais compacto de índios, podia-se pensar de fazer-lhes uma escola, ajudar-lhes na promoção econômica. Padre Pedro daria para eles o transporte gratuito (caminhão) para levar seus produtos até Porto velho, e lhes traria a mercadoria desejada. Para iniciar, pensava em comprar burros, a fim de ajudar na ligação da mata com a estrada de rodagem. Caminhar a pé é muito penoso.

"O senhor Antônio Guido Esche, paranaense, proprietário de terras entre os kms 86 e 88, prontificou-se em abrir estrada com trator até o rio Vermelho. O velho "Caibu" já se comprometia a arranjar gente para fazer derrubada na beira do rio. Eles estavam com vontade de se mudar para o Vermelho e o trabalho deveria ser começado logo depois das grandes chuvas, para se plantar roças, em 1977. Quando voltamos com Ubaldo para Abunã, Pe. Pedro disse que "Caibu" considerava como sua propriedade o seringal em que estava vivendo, o qual dificilmente abandonaria. É que a Funai já pensava em providenciar a garantia de posse no lugar da atual moradia. Talvez fosse melhor que eles não se mudassem para fora da reserva.

"A mensagem, antes de chegar a convencer os índios, ficou remodelada. É o estudo da língua? Visto que eles já desejam se despregar de tudo que era tradição antiga, para aprenderem coisas úteis no convívio com os civilizados. Isso era isca, apenas, disse o padre Pedro. Ubaldo foi para Abunã e aprendeu, em 20 dias, a metade das letras do alfabeto português (pelo método SDB), mas pouco podia informar da língua própria, que ele não sabia mais".

Na verdade, o índio não conseguia exprimir-se, pelo fato de misturar a língua com o português. Apesar de sempre sorridente, sua pronúncia era muito indistinta para os ouvidos surdos do Pe. Cassemiro. Falou-se da idéia dele se tornar útil à própria gente, com chances de alfabetizar-se, tornando-se professor e catequista deles. Mas Ubaldo demonstrou pouco interesse nisso, declarando que sentia saudades da namorada do km 92, uma civilizada. Voltou para casa prometendo enviar seu irmão para Abunã. "Ele devia saber mais da gíria"...

### JUSCELINO APRENDEU. MAS NÃO GOSTOU

E conclui o padre Cassemiro, no documento encaminhado ao Bispado de Porto Velho, Funai e Cimi: "Esperou-se, mas não apareceu o prometido irmão. A gente foi buscá-lo, e aí se verificou-se que Ubaldo nem falou nada ao irmão. Ele tinha espalhado a notícia de que voltaria a Abunã para estudar, mas quando foi encontrado lá, no km. 80, Ubaldo já disse que estava empregado na Pedreira Maravilha. Derrubava roça para futuro plantio de cafezal de um fazendeiro. Veio então, Juscelino, um menino de 10 anos de idade, irmão de Ubaldo, para aprender rudimentos da fé cristã, uma vez que seus pais pediram que ele fosse batizado.

Depois de 10 dias de catequese, voltou para o km 80, onde foi batizado na presença dos pais e parentes, mas não quiz ir para Abunã continuar os estudos. Preferia ficar lá e quebrar castanhas, ganhando 12 cruzeiros por uma lata de querosene de 20 litros. Mas por ordem do pai, embora com lágrimas nos olhos, veio para Abunã. Desde a partida mostrou-se indisposto, sem nenhum interesse pelo futuro distante. Podia-se compreender seus motivos, percebendo que ele era praticamente quem sustentava a família, como caçador. O pai trabalhava na derrubada do sr. Esche, ou ficava em casa, sem trabalho, sem ganhar nada. Apesar da indisposição, num mês Juscelino aprendeu a ler e escrever com letras desenhadas (caligrafia vertical), mas não achou nisso nenhuma satisfação. Usamos o método SDB, com palavras portuguesas. Mesmo propondo escrever na língua Kaxarari, não houve mesmo interesse algum".

Padre Cassemiro tem uma triste lembrança dessa época, contando que Juscelino terminou sendo maltratado em Abunã, pelo fato de ser índio. Ele defendeu-se a socos e até brigou. Mas nas refeições comia pouco. Por costume, ou por receio das pessoas que ficavam na cozinha? – indagava Cassemiro em 1976. E acrescentava seu relatório:

"Juscelino foi surpreendido furtando bananas no depósito de uma casa vizinha. Por que não comia nas refeições? Tinha que furtar? – "Tenho sim!" – gritou com expressão de desafio, provocando um tapa na boca. Apanhou carona e voltou para a aldeia. Houve uma entrevista de informação linguística, também, na vinda inesperada do Francisco, irmão do Paulino, que acompanhou a família doente até Abunã. Zezinho, filho de Paulino, agora não chorou, prestando-se a dizer algumas palavras, mas logo cansou-se. A pedido, para verificar o texto falado por Juscelino, observou-se várias divergências. Quem estava mais disposto era Amâncio, do mesmo tamanho de Zezinho. Com um bom treinamento poderia se tornar bom informante.

"Por fim, Francisco, irmão de Paulino, um rapaz com mais de 20 anos, deu para entender que estaria interessado em vir para Abunã, no fim de fevereiro de 1977, para aprender a ler e escrever. Sabia desenhar e assinar o nome, mas achava que isso não tem graça, pois gostaria mesmo era de **aprender tudo".**

Cosma e Damiana pisam firme o seu chão.

Fome e desnutrição já são rotina aqui.

## Aos poucos, o fim dos costumes. E com fome

*Das antigas malocas de construção gigantesca resta ainda uma vaga lembrança. Os* **Kaxararí** *vivem hoje em casas feitas de paxiúba, com assoalho levantado do chão e cobertas com* **palha** *(folhas de babaçu trançadas). Pouco ou nada eles têm de diferente, comparando-se com outros moradores da região. Até os vasilhames para o café ou almoço e janta são os mesmos utilizados pelos seringueiros vizinhos.*

*Arco e flecha, na beira da estrada não se vê. Manoel Avelino, 35 anos, filho de Avelino Pereira , antigo líder já falecido, explica porquê:*

*– Nós não fazemos mais nem flechas, nem colar. Os* **Karitiana** *fabricaram bastante para agradar a Funai, só que eles ganham o dobro em cima do índio. É pra nós não pagam um preço justo.*

*Em 1976, quando esteve na região, o Pe. Cassemiro Beksta observava que o grupo vivia ouvindo rádio em português e espanhol, além de frequentar festinhas dos vizinhos, onde rodam discos de músicas sertaneja e popular brasileira. "Tinham mais música de brancos na cabeça, do que lembranças da cultura própria. Quando se pedia, porém, uma canção para ninar criança, conseguia-se gravar uma melodia primitiva", lembra o sacerdote. Seis anos depois, essa situação não mudou muito: em cada maloca há pelo menos um ou dois rádios de pilha, mas não se vê nenhuma festa. Nem os cantos são entoados mais, tanto nos velórios como nos sepultamentos. "A gente não quer mais nada. Nosso povo anda esquecido, desanimado com tudo o que vem acontecendo". justifica Manoel Avelino.*

### O DEUS "TSURA"

*Há, no entanto, uma tradição Kaxararí sobre a origem do mundo, todavia dentro de uma confusão de personagens. O velho Antonio "Caibu", o tuxaua com quase 70 anos, atualmente percorre trechos da BR-364 em busca de ajuda para as famílias famintas e isoladas. Ele dá uma versão sobre o Deus Kaxararí, que dá o que pensar:* **"Tsura** *são dois gêmeos nascidos do ventre da mãe que foi comida pelas onças. Eles fizeram uma porção de milagres e transformações para vingarem a morte da mãe e matarem as onças. A gente fala para os* **Tsura,** *pedindo sua ajuda" – contam, misturando narrações bíblicas e tribais. Segundo o Pe. Cassemiro, "eles ficam com a idéia primitiva tribal, e não com a idéia bíblica da mensagem".*

*Na última semana de outubro o vigário de Abunã, Pe. Moisés Marques constatou a mesma coisa, desistindo de ensinar algo cristão àqueles que têm maior contato com a estrada. Contudo, dois ou três índios sabem rezar, cantam hinos e entendem um culto ou a própria missa, como é o caso de Luiz, que deixou o Igarapé Azul em 1974 para conhecer Campo Grande e Dourados (MS), após a morte de sua mulher.*

### COSTUMES ESQUECIDOS

*O velho ritual do grupo de sepultar o morto de cócoras, já caiu no desuso, restando como tradição apenas a colocação de latas, panelas e utensílios de cozinha junto à cova. Pelo que se vê, o único e maior depositário da história Kaxararí é o velho "Caibu".*

*Raízes de plantas, até pouco tempo atrás serviam como anticoncepcionais. Os índios conheciam também estupefacientes, usando como drogas um rapé aspirado pelas narinas e uma lavagem de intestino grosso, preparado com sementes de uma árvore parecida com a ingazeira. Sementes secas torradas reduziam-se em pó, e com um pouco d'água eram injetadas por meio de um clister (feito de seringa com bico de um osso óco), pelo ânus. Produziam um calor no corpo, sensações de embriaguês ("como de cachaça"), e visões na mente. Aplicava-se a "lavagem"* **(Kupa)** *individualmente, cada um para si, na sessão de homens. As mulheres ficavam olhando de longe. Tudo isso é lembrado pelo antigo tuxaua, que demonstra um certo saudosismo do passado tribal.*

## A aldeia é alcançada. No lombo do burro

A chamada "Maloca Azul" fica nas cabeceiras do Igarapé Azul, que desemboca no rio Marmelo, um afluente do Abunã. Os **Kaxararí** vieram do rio Iquirí, no Amazonas, há cerca de 50 anos. Maria "Velha", a conhecida "Muiá", chegou mocinha à região, morrendo com mais de 80 anos.

Ignorava-se, no censo feito pelos padres Cassemiro Beksta e Pedro Gawlick, em 1976, o total de todos os índios ali existentes. Eles puderam contar apenas os que ainda viviam na maloca ou nas proximidades: 89 de sangue puro e mais 14 pessoas intimamente ligadas a eles – brancos que se casaram com índias e vice-versa, vivendo na área indígena e até falando sua língua (!).

"Em 1947 eu ainda era menino, e nossa gente, juntando tudo dava umas 400 pessoas. Parece que nós **tamo** agora com menos de 100", esclarece ao **Porantim,** Luiz Kaxararí, um dos atuais líderes do grupo.

Alçançar o igarapé nas atuais condições dos varadouros existentes nas matas da região chega a ser uma odisséia. Com o início do **inverno** amazônico, aumentam os trechos estreitos, alguns deles totalmente fechados devido à queda de arbustos e mesmo de árvores inteiras. A taboca (uma espécie de bambu) provoca ferimentos em todos que se atrevem a transpor o sinuoso caminho, a ponto de se constituir o maior perigo para o viajante depois das muriçocas, cabas (designação de um tipo de vespa) e formigas.

Para atingirmos uma das malocas indígenas percorremos mais de 40 quilômetros na selva sobre o lombo de burro, o único animal capaz de andar dia e noite sem se perder. É impressionante a facilidade como ele atravessa rios, conhece sua "estrada" e não erra o destino. Demoramos dois dias até o Igarapé Azul, a partir do km 106 da BR–364. A viagem só foi interrompida numa tarde, a fim de que os animais descansassem. Pouco depois a expedição recomeçava, com inúmeras pinguelas desafiando a habilidade dos burros, formigueiros, buracos e mato caído.

### ABRINDO O MATO

Vez ou outra os burros hesitavam em atravessar as pinguelas, contudo só encontravam mesmo dificuldade quando eram obrigados a entrar n'água para se aproximar da aldeia. O varadouro é interrompido numa das margens do igarapé, obrigando a retirada de toda a carga dos animais – roupas, arroz, feijão, enlatados, farinha e bolachas. Após a travessia ela retorna ao seu lombo para a viagem prosseguir.

Na região de Abunã e em Extrema (rumo ao Acre), os burros são utilizados diariamente no transporte de borracha defumada das colocações de cada seringueiro. Servem, também, para todo e qualquer tipo de carga, desde que os varadouros ofereçam condições de tráfego. É que, quando chove muito a água dá quase na barriga do animal, e às vezes a ultrapassa.

Nessa viagem aos **Kaxararí** enfrentamos um dos obstáculos mais duros que a mata nos coloca: ter que abri-la novamente, a golpes de facão, na maior parte dos locais onde o vento ou a chuva tenha derrubado galhos, cipós e arbustos. E nesse trabalho, o maior entrave foi cortar os bambus e cipós, que exigiram sempre uma certa demora. Depois, o "castigo": a violação de algum ninho de marimbondos. Ao aproximarmos das margens do Azul, o guia Toninho (empregado do Seringal Nova Vida) golpeou o mato de cima a baixo, buscando construir um atalho, quando recebeu inúmeras picadas sobre o olho direito. Vários atalhos foram abertos.

Os marimbondos atacam os animais, provocando na ocasião o aceleramento da marcha. No mínimo, isso redunda na queda do cavaleiro. E por várias vezes fomos jogados no chão, na lama e no espinho. Para quem experimenta o longo percurso da estrada até o povo **Kaxararí,** o tempo todo em cima de um arreio improvisado, a experiência não é das melhores, mas plenamente válida.

Texto e fotos: MONTEZUMA CRUZ

*Kaxararí,* uma difícil sobrevivência.